

O GLOBO

Franklin
Martins

Um pão-duro perdulário

Fernando Henrique Cardoso tem fama de pão-duro, mas, ao que parece, o exercício da Presidência da República está transformando-o num perdulário. Talvez porque tenha subido a rampa do Palácio do Planalto abarrotado de votos, está achando que pode gastar à vontade seu capital político, sem se preocupar com o dia de amanhã. É um comportamento preocupante. É assim que os estróinas dilapidam grandes fortunas.

Vejam o caso do veto ao aumento do salário mínimo para R\$ 100, uma medida tão impopular e desagradável que qualquer presidente de bom-senso, chegando à conclusão de sua absoluta necessidade, assinaria-a como quem toma um copo de óleo de ricino: tapando o nariz e com a maior rapidez possível. Pois, Fernando Henrique fez exatamente o oposto. Anunciou que vetaria o aumento antes de ele ser votado pela Câmara, reafirmou essa disposição horas depois da aprovação do projeto, e voltou a falar no assunto várias vezes nos dias seguintes. De repente, emitiu sinais de que poderia optar por outra solução para o problema, reacendendo as esperanças de quem vive do mínimo. Menos de 24 horas depois, matou-as.

Em seguida, tendo recebido pesquisas que davam conta da queda de sua popularidade, resolveu ele próprio dar explicações pelo rádio e pela televisão. Anunciou, então, oficialmente o veto. O sensato seria enviá-lo ao Congresso, mal terminada a gravação, mas, inexplicavelmente, o Planalto preferiu deixar o cadáver apodrecendo na sala por mais alguns dias. Em suma, Fernando Henrique acabou pagando várias vezes pela mesma mercadoria.

Quando parecia que o corpo finalmente havia baixado à terra, o defunto começou a passear pelos corredores de Brasília e pelo sertão da Bahia, pela mão do senador Antônio Carlos Magalhães. Finalmente livre do silêncio obsequioso a que se havia obrigado em atenção à eleição de seu filho Luís Eduardo para a presidência da Câmara, ACM pode dar vazão à sua irritação com as mudanças na área das comunicações e das tevês educativas, há muito tempo sob controle do PFL. Bateu duro, e como de hábito, com extraordinária competência. Escolheu com precisão o terreno em que Fernando Henrique é mais vulnerável e disse aquilo que o país inteiro

sabe: o valor do atual salário-mínimo é aviltante. De quebra, avisou que votará contra o veto no Congresso.

Depois desse recado, dificilmente as bancadas governistas manterão fidelidade ao Planalto. Se Fernando Henrique fizer alguma concessão, dará a impressão de que só mudou por causa do senador. Se, ao contrário, não fizer nada para adocar a pílula amarga do veto, correrá o sério risco de ser derrotado no plenário, o que, em início de Governo, será uma proeza digna de entrar no Guinness.

Diante de tudo isso, alguns dos aliados de Fernando Henrique encontraram um bode expiatório: a comunicação do Governo. Sabe-se lá por que, ela foi dividida entre o secretário Roberto Muylaert, a assessora Ana Tavares e o porta-voz Sérgio Amaral e, realmente, até agora, não funcionou bem. Curiosamente, mudanças na área são defendidas pelos dois peso-pesados do Governo em choque: o próprio ACM e o ministro das Comunicações, Sérgio Motta. Durante a campanha eleitoral, Motta praticamente comandou a área, confinando a competente Ana Tavares apenas ao contato direto com os jornalistas.

Agora, ele está se mexendo para confinar Muylaert às TVs educativas e para contratar, via PSDB, as empresas que ajudaram a eleger o presidente. O objetivo é pô-las à disposição do Planalto. A manobra pode ser engenhosa, mas, por se tratar de uma evidente burla à lei de licitações, não deverá ser concretizada. Alguém terá o bom senso de se lembrar que do Governo espera-se que tome a iniciativa de propor mudanças nas leis que não funcionam e não expedientes para driblá-las.

Antônio Carlos, que já percebeu o alcance da jogada de Motta, apressou-se a elogiar publicamente a assessoria de imprensa de Fernando Henrique, mas também quer mudanças. Gostaria de afastar Muylaert.

Os problemas do Governo, porém, não estão na área da comunicação. Estão no comando político. O presidente está isolado no Planalto das forças políticas que o elegeram. Isso pode ser bom para quem o cerca, mas é ruim para o país. Falta profissionalismo na relação com o Congresso, o que, mais cedo ou mais tarde, trará dores de cabeça ao Governo amanhã. A comunicação é só parte do problema. A menor parte, aliás.